PRIVATE
A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS
REVISTA MENSAL
ANO XII - Nº 127
R$ 3,50
AS MODELOS ANDRÉIA E JANAÍNA, EM POSES SUPEREXCITANTES, DIVIDEM OS ENSAIOS COM UM TRIO MUITO QUENTE — ALEX, ALDINE E ALINE —, QUE LEVARÁ SUA CRIATIVIDADE A MIL
ELAS ESTÃO NO CLOSE, BEM À VONTADE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA, É PEGAR OU LARGAR. SE VOCÊ TOPAR, ESCOLHA A QUE MAIS LHE AGRADAR. O RESTO SÓ DEPENDE DE UM BOM ENTENDIMENTO
LEIA, NO DIÁRIO, AS INCRÍVEIS E OUSADAS HISTÓRIAS DE SEXO CONTADAS PELOS LEITORES
O CORREIO ESTÁ RECHEADO DE PROPOSTAS. NINGUÉM FICARÁ SEM UMA BOA TRANSA
PROIBIDA A MENORES DE 18 ANOS

A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS

PRIVATE

PRIVATE CLUB PHONE

A partir da presente edição, estamos suspendendo a publicação do anúncio publicitário "Private Club Phone", que durante três meses — Private 124, 125, 126, mais as especiais 12 e 13 — esteve inserido nesta revista. Assim resolvemos, ao constatarmos que esse serviço, que era terceirizado, não se mostrava à altura dos padrões de atendimento que sempre procuramos dar aos nossos leitores. Somente voltaremos a veicular tal anúncio quando tivermos a certeza de que nossas exigências serão cumpridas. Quem se julgar lesado pelo serviço deverá entrar em contato com o telefone 0800-15-6969, solicitando ressarcimento dos prejuízos. Se não for atendido (e bem!), por favor, dirija-se ao setor de publicidade da Private, através do telefone (011) 229-8915, para que possamos tomar as devidas providências. Pedimos desculpas pelos transtornos decorrentes da publicação do anúncio em questão.

4, 39 e 44 MODELOS
Ensaios totalmente coloridos, com as deslumbrantes e sexies garotas da Private

8 DIÁRIO SEXUAL
Sem mistério, os leitores narram suas envolventes histórias de amor e sexo

18 TRIBUNA DO LEITOR
Este cantinho é seu; aqui é você quem manda. Saiba usar o espaço da "Tribuna" e ponha a boca no mundo

25 CORREIO CONFIDENCIAL
Se você nunca participou, não sabe o que está perdendo. Não espere mais; entre logo nessa!

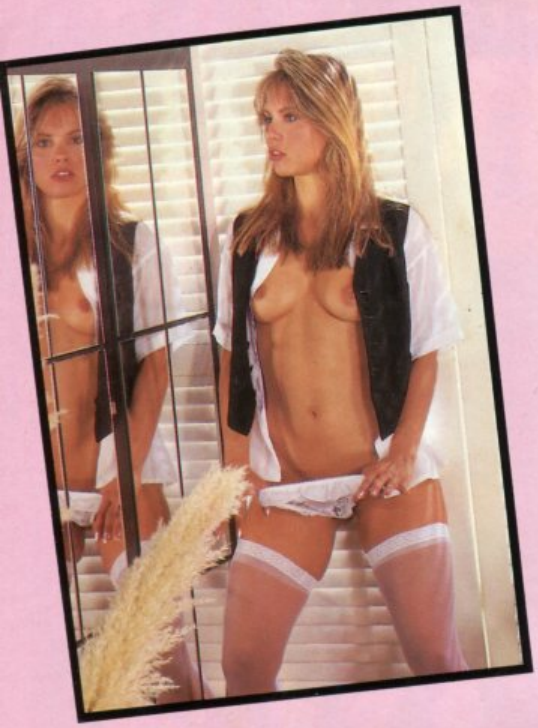
49 LEITORES EM CLOSE
Exponha seus dotes na vitrina desta seção. Aqui, o visual vale mais que mil palavras

REVISTA MENSAL
ANO XII - Nº 127
AGOSTO DE 1995

ANDRÉIA

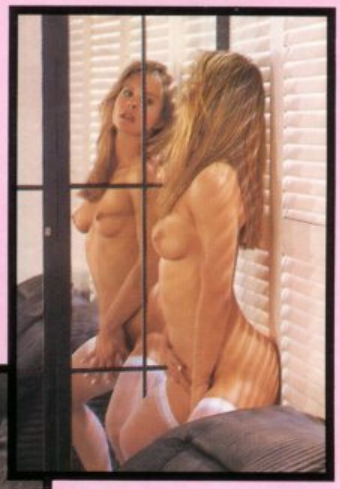
ALEX, ALDINE E ALINE

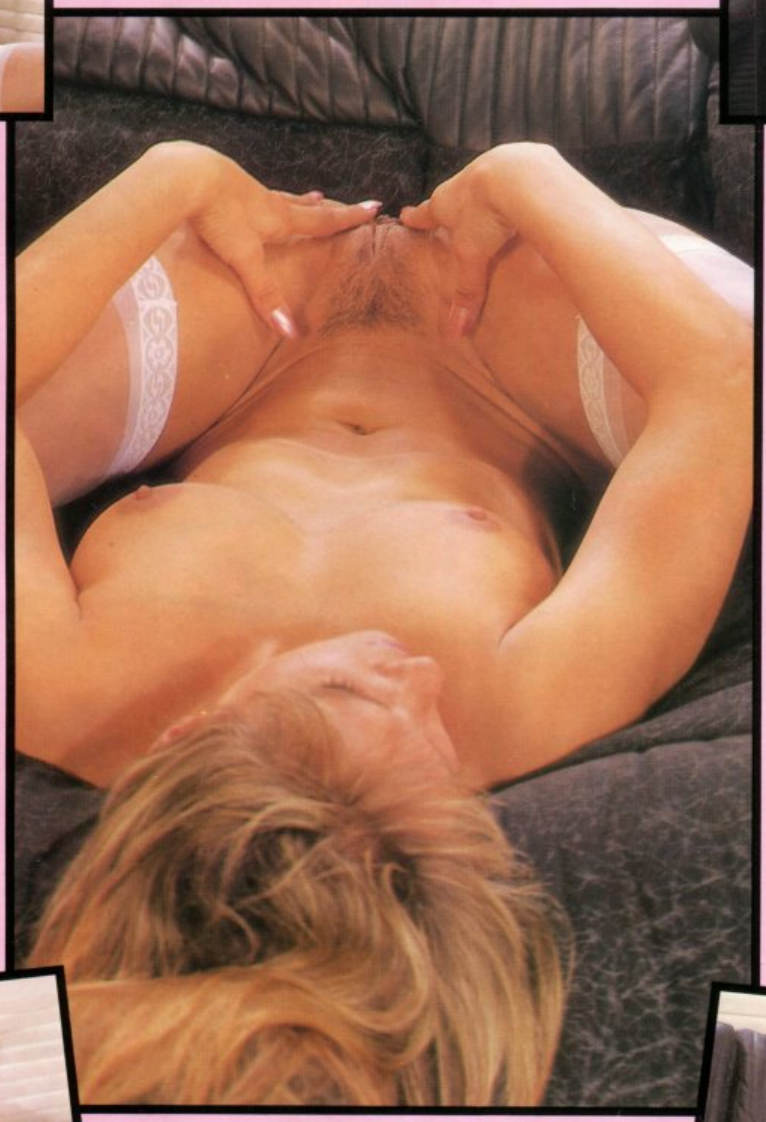
JANAÍNA



Esta garota é uma "narcisista" de primeira. Curte muito olhar-se no espelho, quando fica apreciando a fundo suas partes íntimas. A partir daí, diz ela, o tesão flui numa boa e a trepada fica bem mais gostosa

ANDRÉIA





ALDINE

ALEX

ALINE

ESTE TRIO É REALMENTE FORA DE SÉRIE E ADORA FAZER SEXO DE TODAS AS FORMAS. DEPOIS DE MUITO TREINAMENTO, PARA CHEGAR A UMA PERFEITA MALEABILIDADE CORPORAL E ATINGIR O ÊXTASE TOTAL, ELES GARANTEM QUE VALEU A PENA, POIS, RECONHECEM, SUA PRÁTICA SEXUAL ATUAL É MUITO GRATIFICANTE

NOSSA CAPA

JANAÍNA

COMO UMA FÊMEA DO TEMPO DAS CAVERNAS, ESTA GATA ADORA ROÇAR O CORPO NOS ROCHEDOS, SENTINDO-SE BELISCADA PELAS PEDRAS. SEU INSTINTO SELVAGEM ESTÁ À FLOR DA PELE. O HOMEM QUE QUISER TRANSAR COM ELA, SE ACEITO, TERÁ DE REDOBRAR OS CUIDADOS. DE REPENTE, JANAÍNA PODERÁ DAR ALGUMAS MORDIDAS A MAIS E, DEPENDENDO DO QUE TIVER EM SUA BOCA, A COISA PODE TER GRAVES CONSEQÜÊNCIAS

PRIVATE

Diário SEXUAL

A TRANSA INESQUECÍVEL

ANJO SERVIL

Como leitor da Private já há algum tempo, após alugar uma caixa postal passei a anunciar, sempre procurando uma mulher especial, doce, meiga, carinhosa, que tenha, latente em seu subconsciente, o verdadeiro sonho de encontrar um homem também especial, capaz de adaptar-se e extrair os seus mais ardentes, febris, primitivos e animalescos desejos e fantasias masoquistas, raros e exóticos, dentro da mais completa e aboluta empatia e cumplicidade, até mesmo apreciando seu excitante ritual de purificação (uro/coprolagnia), tudo sem qualquer julgamento moral. Coloco-me como um sutil e suave dominador, sensível, sério e responsável. Algumas acreditam nessas sinceras afirmações, outras pensam que o meu prazer é o prazer delas. Tenho recebido algumas cartas interessantes; outras não.

Dentre tantas cartas recebidas, uma considero efetivamente especial. Era de uma garota de 30 anos, casada, postada numa cidade na região de Santos. Por não possuir caixa postal, correspondia-me com ela através do seu endereço comercial. Disse que lia a revista no seu cabeleireiro, o qual era comprador assíduo. Numa das cartas que me enviou, ela afirmara que lera o meu relato "Houve uma vez um verão", publicado na Private 119, e dizia que se identificava completamente com a minha parceira da história, tanto nas fantasias, como na situação conjugal, que ela ainda mantinha. Deixou, entretanto, passar no subtexto, o grito de suas cicatrizes. Afirmava ainda que, apesar de seduzida pela mensagem subliminar contida em meus anúncios, sempre tivera receio de escrever-me, até o dia em que se encheu de coragem, extraída não sabe de onde. Trocamos fotos, até que ela me informou o número do seu telefone. Liguei e marcamos um encontro numa cidade neutra, também na região de Santos.

Quando chegou, pontualmente no horário marcado, eu já me encontrava lá. Sua foto não lhe fazia jus. Fiquei apoplético quando a vi. Enfeitiçado. Parecia que seus pés não tocavam o chão. Suspensa, vaporosa, volátil... Chegou sorrindo. Vi em seu sorriso, carregado de uma ternura triste, uma promessa de beijos. Assim como vi, em seus olhos profundos, ariscos e sinceros, uma hipótese de alegria. Percebi, entretanto, certa sombra de saudade miscuída na imensidão verde de seus olhos. Saudades de situações que ela nunca, por certo, vivera.

Tem o rosto de uma ingênua malícia, angelical, emoldurado por cabelos castanho-claros, quase louros, em médias madeixas. Peitinhos fartos, durinhos e rígidos, sob um decote generoso. Usava uma blusa branca com uma dessas saias esvoaçantes, de tecido fininho estampado, levemente transparente, permitindo-me ver, à contra-luz, uma minúscula tanguinha sobre uma bundinha sutilmente empinada, que me causava calafrios de desejos. Possuía um dentição perfeita e seu hálito tinha o frescor de almíscar. Se perfume invadia-me as narinas e me entorpecia, suave, delicado, remetendo-me a várias lendas. Parecia movimentar-se em câmara lenta. Seu nome era como perfume derramado. Isso tudo lhe dava um gostoso tempero erótico, um molho sensual. Linda! Sentamo-nos num barzinho discreto e conversamos por cerca de três horas, mais ou menos.

Ao falar-me de suas fantasias sexuais, seus olhos cintilavam de dese-

jo e tesão. Dizia-me, também, que, muito embora estivesse completamente identificada com a minha parceira do relato, havia outras fantasias que ela queria experimentar. Eu também lhe falei das minhas, quando estava tudo certo, marcamos um novo encontro para a próxima sexta-feira. Seu marido travalhava como executivo em uma indústria de São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, e, todo final de semana, voltava para casa já na madrugada de sábado, alegando ter ficado bebendo um uisquinho com os amigos.

Já estava definido o motel. E assim foi. Na sexta, levei os apetrechos que ela pedira. Já no quarto, ela ficara em pé, imóvel e atônita, vasculhando o ambiente com o olhar, como se estivesse noutro planeta. Capciosamente, perguntei o que estava havendo, se não tinha gostado do quarto, do motel... Ela me dizia que o motivo da sua perplexidade era de nunca ter estado num lugar semelhante antes. Casara com o seu amor de infância, aos 18 anos, com quem namorara desde os 14. Seu marido nunca a levara a um motel. Enquanto falava, eu andava lentamente em sua direção, olhando-a penetrantemente. Sua palavras foram caladas com o suave beijo que lhe dei.

— Espera aí que já volto, tá? — disse sorrindo-me maliciosamente.

Quando caminhou em direção ao banheiro, levando sua bolsa e fechando a porta, tive uma pequena preocupação. O que estaria fazendo lá dentro? Apaguei a luz central e acendi a luminária da parede. À meia-luz, o clima era perfeito para o que estava por vir. Liguei a televisão, para assistir a um excitante filme pornô enquanto esperava deitado, ainda de roupa. Cruzei as mãos sob a nuca. Carregar as baterias era a melhor opção que eu tinha. Demorou uns 10, 15 minutos. Olhava de vez em quando de soslaio para a porta do banheiro, até que ela se abriu e trouxe outra pessoa. Estava com o rosto lavado, maria-chiquinha nos cabelos e cinta-liga preta sob um baby-doll da mesma cor.

— Gostou? Estou parecida com a sua parceira da história? Pareço uma putinha infantil, não pareço, meu mestre? — falou com voz de criança, sorrindo-me ingenuamente.

Realmente, sua imagem assemelhava-se a minha parceira do relato. Até na inflexão da voz. Um frêmito percorreu-me a espinha, arrepiando-me todo. O ambiente assumiu um teor onírico, abstrato, magnético. Seus olhos espelhavam um brilho indefinível. A força do sobrenatural pulsava a cada instante. A partir desse momento, nossa interlocução passou a ser de um dominador para uma escrava — eu interpretanto um mestre, um senhor; ela representando uma dominada, uma serva —, comigo dando-lhe suaves ordens dentro de uma autoridade, rudeza, aspereza e rusticidade sutis, e ela me tratando na mais completa e absoluta submissão e obediência. Levantei-me e mandei-a exibir-se dançando sensualmente para mim. Fui pegar, na mochila que levara, um vibrador, entregando-lhe. Chupou, passando o vibrador na boceta e no cuzinho, insinuando penetração, sem perder o ritmo. Ela se integrava com a música. Algum tempo depois, ordenei que parasse.

— Dispa-me, lentamente, anda! Deixe-me só de cueca — ordenei.

Após ela ter feito isso, continuei:

— Ajoelhe-se! Agora chupe e lamba meus pés, respeitosamente, cadela!

Inexperiente, ela acolhia desajeitadamente os meus dedos dos pés na boca.

— Está muito rápido. Acho que vou ter de discipliná-la. Vá ali e pegue o meu chicote que está sobre a cama, anda!

Ela foi, de quatro, e trouxe-me.

— Muito bem, a próxima vez que você me desobedecer, eu faço o chicote estalar na sua bunda, entende? — adverti-a, estalando o chicote no ar.

Respondeu afirmativamente, com a cabeça, e fingi não entender:

— O quê? Não escutei!

Cabisbaixa, ela falou com voz suave:

— Sim, meu mestre!

— Assim, gosto de vê-la obediente e submissa ao seu amo e senhor — disse, num tom de complacência.

Passado mais algum tempo, ordenei-lhe:

— Pare. Pegue o chicote, passe o cabo na fissura que tem na ponta do couro, qual uma coleira, e, depois, ponha-o no pescoço e me entregue.

Passei pelo quarto, puxando-a pelo cabo do chicote, com ela me acompanhando feito uma cadelinha. Sentei na cama, então, e disse-lhe:

— Venha até aqui!

Ela ficara parada, de quatro, no meio do quarto.

— Deite de bruço sobre o meu colo (fiz um gesto com a mão batendo na minha coxa). Agora vou dar-lhe uma palmadas na bunda, nesse rabo gostoso. Anda!

O sabor do desejo escorria-lhe entre os dentes. A cada palmada que lhe dava, revirava os olhos e emitia sons indistintos. Bramidos pungentes e lamentosos, felinos, ferinos, como se estivesse moribunda, agonizante, incrível. Retirei-a do meu colo e ordenei-lhe que pegasse uma vela e o isqueiro que estavam sobre a penteadeira. Disse-lhe para deitar de bruço na cama, arriar a tanguinha até os joelhos e colocar um travesseiro sob a barriga de modo a deixar a bundinha bem empinada. Prendi, então, os braços e os tornozelos dela com dois lenços. Acendi a vela e comecei a pingar lágrimas de cera na sua bunda. Ela gemia baixinho e frêmitos percorriam-lhe o corpo. Virei-a, e tratamento igual passei a dar aos seus peitinhos. A cada pingo, sua fisionomia crispava de prazer e dor. De vez em quando, passava óleo de amêndoas para aliviar a sensação dolorosa. Depois, desamarrei-a e disse-lhe para curvar as penas ao máximo que conseguisse e cruzasse as mãos debaixo dos joelhos, de modo a deixar sua bocetinha e o seu cuzinho bem à mostra.

A sua vulva, de um matiz de rosa tão intenso e profundo que fazia inveja à cor da flor, ficou escancarada como cova aberta. Enfiei minha cara na sua fenda, lambuzando-me todo com o muco viscoso que a embebia, e iniciei um movimento alternado de mordiscar seus clitóris, chupar e introduzir a língua em seu canal vaginal e no ânus. Com as duas mãos em minha nuca, ela pressionava meu rosto contra sua vulva fogosa, soluçando e murmurando que estava gostoso demais. Retive-me, então, em seu clitóris e enfiei meu dedo médio em seu ânus, movimentando pra frente e pra trás. Fiquei assim por alguns minutos, só escutando ela gemer surdamente, abafadamente.

Eu sorvia cada gotejo emanado da sua fenda, e fui, então, subindo, esfregando o rosto em seu corpo, até alcançar sua boca, que beijei com paixão. Os desejos caminhavam pelo corpo dela, deixando rastros coloridos. Eu ardia em febre, com o sangue borbulhando em minhas veias. O desejo aguçava-me o olhar, mas embaçava-me a clareza da visão. A suave fragrância exalada pelo seu muco enchia o quarto. Mergulhado nessa força mágica, mandei que colocasse as mãos na nuca, passando a torturar seus mamilos com apertos, torcida e chupadas, colocando, em seguida, duas presilhas neles. Ato contínuo, montei sobre o rosto dela e lhe vendei os olhos, mandando-a chupar. Ela, por sua vez, ficou tateando até encontrar meu mastro, libertando-o da cueca e fazendo-o latejar em liberdade. Falei-lhe que estava proibida de usar as mãos para segurá-lo, só permitindo que chupasse se conseguisse pegá-lo com a boca. Até que conseguiu, sugando-o com fervor e ânsia, entremeando as escapadas. Quando acontecia isso, eu dava uma surra com ele na cara dela.

Abocanhou o meu saco e bailava sua língua pelo meu períneo, até encontrar o meu cu, que chupou com igual vigor e intensidade. Levantei-a e coloquei-a de pé, virada para a parede, ordenando-lhe que empinasse a bunda e abrisse bem as pernas. Fui buscar uma chibata. Iniciei passando-lhe a chibata em seu reguinho, fazendo-lhe perguntas obscenas, dependendo da resposta, castigava-a estalando, suavemente o sem deixar marcas, a chibata em sua bunda. Por outro lado havia o prêmio: se eu sentisse sinceridade em suas respostas, o seu rabo recepcionava a minha língua.

Fui ao banheiro, voltando com uma tolha de banho e mandando-a ficar de quatro com o rosto colado na cama e, com as mãos, novamente, abrisse bem as pernas e arrebitasse bantante a bunda. Obedeceu e abriu-se toda, mas, quando ia penetrá-la, não resisti a tentação de ver o seu ânus reluzindo e, uma vez mais, lambi e enfiei a língua naquele buraquinho fascinante, chegando mesmo a babar. Ela gemeu baixinho e arfou levemente. Decidi torturá-la um pouco mais, levá-la ao clímax de ansiedade, da sofreguidão, do desespero, insinuando penetração; tratamento igual dava ao seu anelzinho, que chegava a pulsar de vontade de ser alargado. E ela me disse, numa balbuciante súplica:

— Esses olhos têm todo o veneno que eu gosto e quero. Vem, vem pra mim! Sinta as minhas carnes delirantes, ávidas por tí! Vem, me come, meu amor! Quero ser vítima dos teus carinhos e refém dos teus caprichos!

Passando-lhe a toalha na boca, qual um cabresto, ajeitei meu membro em sua bocetinha e fui forçando suavemente, com arte, no alucinógeno ritmo da lascívia. Sua fenda obsorveu-me todo, comigo ritimando seu devaneio num vaivém compassado, com programadas estocadas mais fundas, as quais franziam seu rosto numa expressão mista de prazer e dor.

Com mais algum tempo de movimentos copulares, li em seus semblante que ela ingressara numa espécie de transe. De olhos fechados, viajava pelo inefável universo orgásmico, tremendo e rebolando espasmodicamente. Apesar de sentir certa pena em interromper aqueles inebriantes momentos, o desejo de lhe devorar o rabinho era um apelo por demais irrefreável, afinal eu o adorava.

Retirei meu incandescente cacete da sua gruta, maior e mais grosso pelo grau de excitação, e fui enterrando-o candidamente naquele orifício deliciosamente mágico, que o acolheu com certa resistência, mas com acentuado entusiamo. Com uma vigorosa estocada, transbordei em gozo intenso dentro daquele corpo extasiante, daquele poço de desejos, jorrando meu leite em golfadas diluviais. Extenuado, meio morto, despenquei ao seu lado, pálido, suado, ofegante. Ela permanecera na mesma posição, como que arejando seu rabo em brasa.

Conversávamos e sorríamos muito. Percebi uma certa verve de humor cáustico enquanto falava. De repente, seu rosto enrubesceu. Deitou-me um profundo olhar, molhado, carregado de uma densa malícia, e eu intuí, nele, o cintilar do grito primal resgatado dos recônditos da sua libido.

— Estou com vontade de fazer aquilo que sua parceira do relato fez — falou com voz melíflua.

— É... o que é? — insinuei desentendimento.

— Você sabe, não sabe?! As necessidades fisioeróticas — complementou, abaixando os olhos em sinal de constrangimento.

Isso reacendeu minha excitação. Sorrimos levemente. Deitei na banheira de hidromassagem e mandei que ela se posicionasse de cócoras sobre mim, de costas.

— Mija, cadelinha, mija. Comece mijando sobre meu cacete e venha subindo concentrando-se no meu rosto e boca.

Ela obedeceu-me. Engoli grande parte do delicioso néctar dos deuses jorrado quente por sua bocetinha, que, depois, foi seca por mim com a língua. Fez-se um elo mental entre nós. Entreolhamo-nos e, ambos, olhamos para o vaso sanitário. Caminhamos em direção a ele, de mãos dadas e nos beijando. Lá, ela ficou de cócora, comigo deitado encostado no vaso. Quando estava tentando fazer sair, notei que o rabinho dela abria-se mas não conseguia deixar passar aquele poste, tamanha era a espessura.

Ela passou a emitir gemidos plangentes, soluçantes, murmurantes, entalada que estava. Até que um gemido de dor e alívio expulsou aquela tora, incrivelmente grossa, dura e seca, que saiu dilacerando-lhe as entranhas. Levantei-me e fui até o quarto buscar o chicote e uma camisinha.

Depois que ela acabou de cagar, mandei-a colocar a camisinha no meu cacete, virar-se, arrebitar a bunda e enfiar o cabo do chicote na boceta. Assim, enrabei-a numa estocada só, iniciando um vaivém com fúria em seu rabo todo melado de merda.

— Você queria que eu a visse cagando, não é? Eu vi. Agora olhe para dentro da privada e veja a grossura da bosta que você cagou gostoso. Rebola, assim, rebola cadelinha!

Ela continuava fazendo o cabo do chicote entrar e sair da sua bocetinha. Não demorou muito, explodi em borrifadas de esperma quente e viscoso, com o cacete todo engolido por aquela rosquinha deliciosa. Cheguei a um orgasmo tão violento como jamais experimentara, exatamente sincronizado a um dos muitos que ela já tivera. A prostração instalou-se em mim, parecia até que minha alma saíra pela uretra. Retirei meu cacete do seu rabo com a camisinha toda besuntada de merda. E ordenei-lhe que sentasse na privada e retirasse a camisinha.

— Agora vou fazer uma refrescante ducha dourada na sua cara. Gosta que mijem na sua cara, heim, gatinha?

— Gosto, meu amo! Gosto, meu cafetão! — replicou com um sorrisinho inocente.

Ela direcionou meu jato de urina por todo o seu rosto, concentrando-o mais na boca.

— Ahhhm assim, bebe o meu mijo, gatinha, bebe!

Depois, levantei-a e devorei-a com um beijo, caminhando em direção ao boxe. Após tomarmos um relaxante banho, saímos do banheiro e fomos para o quarto. Sobreveio um silêncio e um torpor, e acabei cochilando encoxado nela. Despertei ao som da televisão. Ela, ressonava. Deixei-a adormecer sua natureza exuberante. Já nascera a noite. Abri a janela e a luz da lua invadiu o quarto, envernizando sua pele cor de prata. Parecia uma estátua de luz. Meu anjo servil. Passado algum tempo, acordei-a com um beijo. Desfez-se, ali, o binômio dominador-escrava. Enquanto nos recompúnhamos, confessou-me haver adorado o que chamou de "treinamento de submissão e obediência". Disse, ainda, que eu havia dado ressonância a todas as suas mais pervertidas e depravadas expectativas.

Despedimo-nos com um olhar e um sorriso partidos, porém, seivados de satisfações. Ali estava contida a mutualização e a cumplicidade de desejos realizados e a promessa de futuros encontros. Ela se foi, deixando um rastro salpicado de poesia e perfumado de saudades.

Você, mulher especial, que se identificou, por que não escreve revelando os seus inconfessáveis desejos e fantasias masoquistas que rondam, ruminam em sua mente? Prometo adaptar-me a eles. Quem sabe

poderemos realizá-los?! Que tal? Com receio de ousar, tem mulher que prefere ficar acorrentada a relacionamentos sexuais tediosos e enfadonhos, mecânicos, mesmo onde suas profundas necessidades nem são notadas pelo parceiro egoísta. O que posso garantir é que tudo será feito sem neurose ou violência, num clima apropriado, sensual, envolvente. Dê-se e me dê uma chance. Bem, você decide! Se você é de Santos e região, também, mesmo sem caixa postal. Sigilo e discrição serão totais. Pode confiar. Sou simples, sem frescura, discreto, sensível, moreno, cabelos crespos, uso barba e óculos, 35 anos, 1,80m, 70kg, solteiro, fumante. Não bebo nada que tenha álcool e não uso droga de espécie alguma. Descarto profissionais. Preservativos, sempre. Não esqueça de colocar foto, mesmo convencional, que devolverei e retribuirei. Se possível, fone. Aguardo ansioso a sua cartinha.

Moreno, Caixa Postal 1.426, Santos, SP, CEP 11001-970.

FRUSTRAÇÃO DE UM CORNO

Há muito que sou corno. Além de ser manso, adoro conscientizar-me da minha condição de corno. Sou cúmplice da minha esposa e de suas trepadas, tanto estimulando-a a fazê-lo, quanto escrevendo a homens anunciantes e acompanhando-a de longe em suas paqueras em lugares públicos. Já transamos alguns ménages masculinos nos quais pude deliciar-me ao vê-la cavalgar grossas cacetas, gemendo toda arreganhada sob outros machos, enquanto eu me masturbava ou auxiliava na penetração. A bem da verdade, os ménages não vêm satisfazendo nossas fantasias, pois são muitos os homens que anunciam, procuram casais, mas não estão preparados para as suas variantes. Minha mulher, após um ou outro ménage frustrante, até me culpa e não descarta a possibilidade de cornear-me às escondidas com algum homem que ela escolha fora dos anúncios. Ela é do tipo mandona, faz o que quer e sabe tocar no meu ponto fraco em relação ao sexo, que é ser submisso aos caprichos e desejos da mulher. Eu, embora seja viril e ativo, gosto de ser humilhado com palavras, antes e durante o ato. As palavras duras, as de deboche e as humilhantes exercem enorme poder afrodisíaco sobre mim. Adoro, por exemplo, quando ela está abraçada a um macho, seminua e de saltos altos, ambos em pé, roçando seus sexos e nos maiores amassos, e me reprime, indignada ou debochadamente, quando tento aproximar-me a fim de tocá-la.

— Ih, que chatice! Saia daqui, corno velho, não vê que estou com um macho de verdade? Sai, sai, sai, seu empata-fodas!

No mês que passou, fomos conhecer a famosa cidade de Fortaleza e hospedamo-nos num hotel à beira-mar. Descansavamos junto à piscina, eu numa cadeira, lendo um jornal, ela em outra, só que longe de mim, pois estávamos meio brigados.

Minha mulher é altona, 35 anos, coxas morenas e delgadas, ancas redondas e firmes, seios empinados, corpo bronzeado e com charme de modelo fotográfico, principalmente vista com seu maiô preto, óculos escuros enormes, saltos altos e com os cabelos soltos. Eu, visto ao lado dela, não deixo dúvida aos observadores de que ali está um corno de primeira grandeza, pois sou feio, mais velho que ela, que não está nem aí para a minha presença. E, não obstante a classe e discrição com que ela paquera, nunca deixou de ser uma tremenda galinha quando vê homens interessantes. Entretanto, poucos conceberão o prazer que sinto ao vê-la com outro, chupando ou sendo comida. Afinal, velho com mulher boazuda tem mais é que ser corno.

Mas, voltando ao assunto do hotel: não vi minha mulher sair da piscina. Quando subi ao apartamento, encontrei-a relaxada no sofá, nua, pernas abertas e com uma das mãos a alisar sua volumosa boceta. O maiô jazia ao lado. Ao ver-me entrar, ela acordou da masturbação e, num misto de deboche e raiva, disse-me:

— Você é um corno velho e distraído, mesmo! Enquanto lia o jornal, eu cruzava e descruzava as pernas, provocando um lindo macho na piscina. Mas, como você não notava e ele não se manifestava, resolvi subir. Porém, surpreendi-me ao ser alcança por ele, já no corredor que leva aos apartamentos. Segurando-me pelo braço, disse: "Por que você me provoca, sua vaca?" Em seguida, abriu uma porta e empurrou-me para dentro de um quartinho onde juntam as roupas sujas do hotel, encostou-me na parede, enfiou sua língua em minha boca e, com as mãos trêmulas, tenta-

va puxar para o lado o fundo do meu maiô. Melei-me na hora e, retribuindo o seu beijo, procurei encontrar um apoio para o meu pé, já que eu abria as pernas e esperava ansiosa pela penetração. A posição era incômoda e defícil; o pau dele resvalava na baba da minha boceta, mas não encontrava o caminho. Fiquei mais ainda na ponta dos pés, trêmula e ofegante, até que me arriei e senti a pica invadir-me até o fundo. Gozei na hora, um gozo sofrido e calado. Aliás, gozamos juntos, num beijo louco, enquanto eu sentia um jato quente inundar-me a boceta e escorrer pelas coxas. Logo, ele me largou e saiu sem dizer palavra. Ainda fiquei ali um pouco, pernas bambas, encostada à parede e toda babada nas coxas. Que fodão! Você mereceu, pelo teu egoísmo, ter perdido esse meu gozo. Se você ali estivesse, como voyeur descarado que é, sei que se deliciaria em lamber-me a boceta ou mesmo comer-me, deliciando-se com os restos do banquete, como sempre faz após meus amantes terem se fartado, não é, sua hiena velha? Mas eu quero aquele macho outra vez, em nossa cama. Dê um jeito, faça amizade com ele e traga-o aqui, pois ainda estou tesuda. Não fique aí parado com essa cara de babaca. Venha chupar-me!

E, abrindo-se toda no sofá, brindou-me com aquela racha cabeluda, ainda inchada de tesão e com cheiro da última foda. Chupei-a desesperadamente enquanto ela segurava minha cabeça, e dizia:

— Chupa, safado! Chupa, corno da minha vida! Você só serve pra isso! Você adora ser corno! Nasceu pra ser corno! Chupa essa boceta que todo o mundo já comeu, seu merda!

Chupei ouvindo aqueles xingamentos que tanto me excitam, enquanto ela esperneava, pedalava o ar, gozava de novo e salgava minha boca com seu delicioso gozo ácido e quente.

Esta é a felicidade de um corno, que, embora frustrado por não ter assistido, pôde ouvir de sua amada o relato detalhado da sua infidelidade. Ser corno é maravilhoso, e somente quem é e curte sabe avaliar o quão sublime e erótico é!

Cornelius, Rio de Janeiro, RJ.

FODA NOSSA DE CADA DIA

Após ter colocado vários chifres na minha mulher e depois de brigarmos muito, resolvi convencê-la a fazer o mesmo comigo. Como colecionador da Private e de fotos eróticas, inicialmente procurei induzi-la a vê-las comigo. Percebendo que ela ficava excitada, fiz com que se masturbasse e chupasse meu cacete (o que ela não gostava). Depois, comi o seu rabinho. Foram quase dois anos de pura sacanagem, tempo em que passamos a observar algumas amigas que transavam com minha irmã, que adora fêmeas. Procurei fazer amizade com algumas delas, em particular a Célia, a qual, após brigar com a mana, se tornou nossa grande amiga.

Finalmente, chegou o dia que eu tanto esperava. Ao recebermos a visita de Célia, fiz com que ela e minha esposa ficassem sozinhas no quarto. Lu me contou, depois, que ficou brincando nos peitinhos da amiga, que aceitou tudo. Dias depois, pedi a minha mulher que convidasse Célia para um joguinho de cartas e tomarmos umas cervejinhas. A gatinha aceitou. À noite, jogamos e bebemos até me ausentei, para comprar mais cervejas. Na volta, flagrei as duas bem agarradinhas. Com o cacete a mil, fiquei assistindo à troca de beijos e chupões entre as duas, uma coisa louca que me deixa alucinado de tanto tesão. Célia tinha uma língua fantástica e Lu gemia sem controle. Vendo aquele espetáculo maravilhoso, não agüentei mais e acabei batendo uma senhora punheta. Então, Lu abriu bem as pernas da gatinha e pediu-me que a penetrasse. Elas gritavam, gemiam, principalmente quando penetrei Célia, de quatro, e ela caiu de língua na boceta da minha mulherzinha, onde já estava trabalhando com os dedos. Gozamos juntos, aos gritos.

Ficamos nesse ritmo durante uns sete meses, tempo em que fizemos todas as variações possíveis entre um homem e duas mulheres. A partir de

então, comecei a fantasiar minha Lu com outro macho cacetudo, e desde então passei a insistir para que fodesse com outro, o que ela relutava. Um belo dia, ao chegar das compras, ela me confidenciou que conversara com um jovem negro que conhecera há muitos anos, quando ainda era um moleque e comera ela e sua irmã. Disse, ainda, que o convidara para visitá-la em casa. Quando isso aconteceu, o jovem, que era muito conservador, pelo que percebi, sequer entrou ao me ver. Ele não sabia que eu era bastante liberal. No dia seguinte, os dois foram a um motel.

Quando Lu chegou de volta em casa, coloquei-a sobre uma mesinha do quarto e, ao examinar sua boceta, percebi que estava cheia de leite, como nunca tinha visto antes. Fiquei louco, chupei um pouco o grelo inchado, aliás, toda a boceta estava inchada de tanto foder. Não agüentando de tanto tesão, gozamos rapidinho, aos gritos de prazer. Desde então, o

negrão passou a foder Lu todos os dias. Eu ficava observando os dois na maior transa, sem que o rapaz percebesse. Era lindo ver minha mulher sentada no pau dele, de quatro, de lado, tipo "frango assado". E mal gozava, corria para o quarto em que me encontrava, trazendo a boceta cheia de leite para eu gozar gostoso. Eu achava maravilhoso ficar batento uma punheta enquanto ela gozava com o amigo negro. Hoje, temos uma garanhão que a fode na minha frente, de todas as formas; goza na boca, na boceta, no cuzinho. Fazemos até dupla penetração. E, depois que ele se vai, ela deixa eu fodê-la até não agüentar mais.

Casais, gatinhas e machos tesudos, façam o mesmo, conosco ou com outros, mas façam, porque é supergostoso.

Márcio/Lu, Caixa Postal 2.488, Manaus, AM, CEP 69001-970.

HISTÓRIA FANTÁSTICA

O fato que passo a narrar aconteceu na passagem de 94 para 95. Mas, preliminarmente, devo reportar-me a algum tempo atrás.

Sou casado já há alguns anos com uma mulher maravilhosa sob todos os pontos de vista: excelente companheira, mãe, dona-de-casa, amante... No início de nossa vida em comum, o que mais me apavorava era a idéia de Flávia me cornear. Ela vivia fazendo ameaças do tipo "se você me trair, te recorto com uma gilete até a morte", e assim por diante. Percebi que, inicialmente, em nossas relações sexuais, apesar de ela demonstrar alguma satisfação, não chegava ao orgasmo. Mas, pacientemente e depois de algum tempo, consegui o meu intento e ela passou a gostar e a gozar durante o ato sexual. Aprendeu tão bem, que percebi que, cada vez mais, tinha orgasmos múltiplos. Aquilo me encantava e me excitava sempre mais.

Com o decorrer do tempo, passei a imaginar como deveria ser gostoso e excitante assistir àquela linda mulher trepando. Sim, digo uma linda mulher porque Flávia, do tipo "mignon", até hoje é simplesmente linda, tem um corpo maravilhoso, seios firmes sem ser exagerados, cintura proporcional, coxas lisas e bem torneadas, e a bunda, bem, a bunda é a mais linda e bem-feita que já vi, fazendo as mais variadas comparações.

Mas, voltando ao assunto, dizia que comecei a imaginar como seria gostoso e excitante ver aquele monumento trepando. Essa idéia começou a tomar conta das minhas fantasias. Freqüentemente, masturbava-me imaginando estar vendo Flávia trepando com outro macho, nas mais variadas posições. Dessas fantasias às propostas para que arranjasse um amante, ou um parceiro eventual, não demorou muito. Como ela relutasse em concordar, propus arrumar, eu mesmo, um parceiro para tal fim. Ela nunca concordou. Reconhecia que adorava trepar, chupar, enfiar o cacete na bunda, mas só o meu. Já estava quase desistindo, conformando-me em somente imaginar tal cena durante as minhas masturbações, quando resolvemos passar o final de ano em uma estância balneária.

Sem pensar em nada a respeito, fiz reserva em um hotel de Poços de Caldas e, na sexta-feira, lá fomos nós. No sábado pela manhã, resolvemos descer até a piscina. Não iríamos às termas, naquele dia. Após algum tempo e alguns mergulhos, estávamos sentados confortavelmente no deck da piscina, quando percebi que não tinha mais cigarros. Levantei e avisei Flávia que iria até nosso quarto, buscar um novo maço. Tudo normal. Após alguns minutos, voltei e, à distância, percebi que um rapaz conversava com minha mulher, mas, ao ver-me,

saiu apressadamente. Perguntando a Flávia do que se tratava, para minha surpresa, ela disse, diferente, quase ofegante:

— Veio até nossa mesa um rapaz com o velho chavão "tenho a impressão de que já a conheço de algum lugar". Disse-lhe que achava que não, mas ele não desistiu e continuou afirmando que era uma pena, porque logo que havia chegado reparara em mim, que me achava muito bonita, simpática, e que gostaria muito de me conhecer melhor. Sabia que eu era casada, porque lhe tinha visto em sua companhia. Quando percebeu que você voltava, disse que iria embora, mas que voltaríamos a encontrar-nos. Acho que ainda vai dar-me uma cantada.

De imediato, veio a minha mente a cena preferida de minhas fantasias. Percebendo sua preocupação, perguntei:

— Parece que você está um pouco perturbada. Seria, por acaso, algum interesse?

— Vou ser muito franca. Conforme está cansado de saber, jamais menti para você. Nunca concordei com suas idéias de trepar com outro homem. Nem pensava que, um dia, teria vontade de te cornear, mas agora, neste momento, digo-lhe que esse rapaz mexeu comigo. Não sei se foi o volume que percebi, você sabe onde; se foi a simpatia dele, seu porte atlético, sua juventude... mas a verdade é que senti um tesão enorme por ele. Sou mesmo capaz de te perguntar: você quer mesmo ser um corno manso ou era só brincadeira? — disse Flávia, meio sem jeito.

— Quero ser o maior corno manso do mundo — respondi, na hora.

— Pois, se ele voltar mesmo e me der uma boa cantada, vou realizar a sua fantasia erótica de me ver trepando com outro macho — retrucou Flávia.

Nisso, e por uma incrível coincidência, o tal rapaz passou calmamente em frente da nossa mesa e pude reparar que, de fato, se tratava de um belo espécime do sexo masculino. Então, combinei com Flávia que iria sair, ficando à espreita, e, se o tal rapaz investisse novamente sobre ela, eu subiria para o quarto e aguardaria o seu retorno com as novidades. Antes, porém, enfatizei que ela deveria deixar claro para o galã que o programa seria em nosso quarto, com a minha presença apenas como assistente, pois eu era corno manso, mesmo. Deveria, também, esclarecer que, apesar de ele poder pensar o contrário, era a nossa primeira vez e, se para ele poderia parecer algo estranho e inusitado, para nós também o era. Mas que não tivesse dúvida: eu, realmente, era um corno manso e faria qualquer coisa para prová-lo. Então, saí e posicionei-me em um lugar estratégico.

Pelo jeito, o cara estava tarado mesmo: nem bem me escondi, ele caiu em cima de Flávia. Subi correndo para o quarto e, dez minutos depois, minha mulher entrou ofegante. Foi logo tirando a roupa e mandando que eu fizesse o mesmo. Disse que iríamos tomar um banho bem gostoso, para aguardarmos a chegada de Hans (esse era o nome do cara), que deveria chegar em 30 minutos. Nessa altura, fiquei meio zonzo, pois, afinal, iria assistir a uma trepada da minha mulher. Imediatamente, obedeci à sua ordem, e fomos para o chuveiro. Flávia estava excitadíssima. Grudou no meu cacete e chupou com uma vontade que eu nunca tinha visto. Fui obrigado a pedir para que parasse, pois, caso contrário, eu iria gozar ali, o que, realmente, não queríamos.

Saímos do banho e vestimo-nos sumariamente: eu, só de cueca; ela, com uma tanguinha vermelha e transparente. Antes de passados os 30 minutos, a compainha do quarto tocou. Corri imediatamente para abrir a porta. Hans havia chegado. Entrou e, apesar de meio assustado, percebi sua satisfação quando viu minha mulher só de calcinha. Quando me apresentei, ela, maliciosamente, completou: "meu amado corno manso". Ficamos os três meio indecisos, no início, sobre o próximo passo, até que Flávia, demonstrando uma desenvoltura que até então eu desconhecia, disse:

— Benzinho, sei que você ansiava há muito tempo por este momento, como um verdadeiro corno manso que é, mas o nosso parceiro, que conhecemos hoje, pode estar achando tudo muito estranho, e até assustado. Proponho, para que ele fique mais à vontade e acredite que tudo o que está acontecendo é verdade, que você tire sua própria cueca e, em seguida, vá até Hans e desnude-o completamente. Continuando, venha até mim, tire minha calcinha e ofereça-me a ele.

Não me fiz esperar. Tirei minha única peça de roupa, cheguei até Hans, tirei sua camisa e, para minha surpresa, quando estava tirando sua bermuda, constatei que o safado não usava cueca. Outra surpresa: o cacete do rapaz era mesmo monumental,

Continua na pág. 84

enorme, muito rosado e cabeçudo. Rapidamente, fiz uma comparação com o meu membro e vi que perdia de longe. Talvez pela tensão, estava mole, mas, mesmo assim, era bem maior que o meu ereto. Fiquei abismado e curioso para saber como seria aquilo duro. Fui para o lado de Flávia, já com o pau babando, e tirei delicadamente sua calcinha. Ela estava supertesuda e, tremendo e meio cambaleante, foi para a cama. Deitou-se e pediu para Hans andar depressa. Ele, já com o pau em ereção, não se fez de rogado, ignorou minha presença e dirigiu-se ao ninho de amor. Flávia avançou freneticamente para o caralho do rapaz e, enfiando-o entre os lábios, iniciou uma chupada desesperada. O negócio começou a crescer de uma forma tão rápida, que logo saltou para fora da boca. Eu não acreditava que pudesse existir um cacete tão grande. Era enorme e bastante grosso. Como não conseguia enfiá-lo na boca, minha mulher passou a lambê-lo e a chupar o saco.

— Assim... me mata... gosto...o...so... quero morrer ! Que boca gostosaaa... vou goza...aaaar! — gemia e murmurava Hans.

Ela parou e implorou:

— Não goza, não, por favor, enfia esse caralho em mim... me fode logo... quero gozar! — implorou Flávia.

Nessa hora, superexcitado e com o cacete duro nas mãos, fiquei com medo que a bocetinha da minha mulher não agüentasse aquele enorme caralho. Mas, contrariando minhas previsões, Hans posicionou-se para iniciar a foda. Gentilmente, começou com umas pinceladas na xoxota. Ato contínuo, passou a enfiar. Flávia gemia, parecia até que chorava de tanto prazer. O rapaz, delicadamente, ia enfiando o enorme cacete dentro dela. Não tinha entrado nem a metade quando percebi que ela já estava gozando. Delirando de prazer, pedia:

— Enfia mais... enfia mais... enterra tudo!

Hans obedecia e eu gozava. Esporrei como nunca. Como é gostoso ser corno! Como é gostoso ver a própria mulher trepando com outro homem! Que sensação maravilhosa! Flávia continuava gozando, quatro cinco vezes... perdi a conta. Nessa altura, percebi que Hans estava transtornado. Arremetia o cacete furiosamente contra minha mulher, com uma fisionomia desesperada. "Ele vai gozar", pensei. Não deu outra. O macho tremia, urrava, gemia, pronunciava palavras desconexas e, inacreditavelmente, esporreou por mais de 20 segundos, inundando de porra a boceta da minha querida mulher. Pensei que a sessão estava encerrada. Puro engano. Para minha total surpresa, após alguns segundos de descanso, Flávia, ignorando minha presença, pediu, quase implorando, meigamente:

— Hans, por favor, quero dar o rabo para você. Deixa eu chupar gostoso e, depois, enfia todo o seu cacetão na minha bunda!

Quase protestei. Tinha certeza que minha mulher não iria agüentar tudo aquilo no cu, mas, pensei, se é ela que quer, deixe que experimente. A verdade é que a idéia também me fascinava. Meu pau começou a babar e ficar duro só de pensar que iria ver aquele enorme caralho na bunda da minha amada. Hans não titubeou. Levantou, virou-a de bruços e preparou-se para comer aquele lindo traseiro. Quando, não me contendo, gritei que parasse, Flávia me censurou:

— Fique quieto, seu corno! Quero esse caralho na minha bunda, e você, se quiser ver, fique quietinho!

— Ele vai arrombar o seu rabo. Você não vai agüentar todo esse trabuco na bunda — alertei aos berros.

— Não tenha medo, meu corninho, Hans será delicado e vai enfiar bem devagarinho. Quando eu achar que não agüento mais, peço para ele parar, está certo? — disse tentando tranqüilizar-me, antes de voltar-se para mim e completar: — Meu adorado corninho manso, veja sua mulherzinha levar pelo menos metade desse caralho na bunda e bata uma punheta bem gostosa. Mas, antes, benzinho, pegue um creme no banheiro e lubrifique o pau do Hans e o meu rabinho, tá bem?!

Continuação da pág. 16

Obedeci na hora. Completamente tarado, vi Hans começar a pincelar o rego da bunda de Flávia, que rebolava freneticamente e pedia que enfiasse. Delicadamente, ele acertou a cabeça do caralho no ânus da minha amada, que gemia e pedia:

— Enfia devagar... cuidado... assim... oh... continua!

Eu não acreditava: aquele enorme caralho estava entrando no rabo da minha Flávia. Aos poucos, fui vendo que não parava de entrar e ela não parava de pedir. Em pouco tempo, percebi que já tinha entrado mais da metade, mas minha mulher continuava a pedir mais e mais. Mais um pouco, mais um pouco, até que chegou ao fim. Entrou tudo. Só faltava entrar o saco. Ela rebolava e gritava:

— Enterra mais... eu quero mais... põe tudo.. goza na minha bunda! Estou cansada de gozar... quero pau na bunda... estou gozando na bunda também.... não tira o pau... encha meu cu de porra!

Hans não resistiu mais e deu aquela gozada. Confesso que, vendo-o gozar, gozei pela segunda vez desde que o rapaz começou a comer a bunda de Flávia. Descansamos e tomamos uma bebida, antes de Hans ir embora. Não me contendo, cheguei para minha mulherzinha e disse:

— Até na bunda, me amor? E daquele tamanho?

— Benzinho, fiquei com tanta vontade de dar a bunda, que na hora nem pensei no tamanho. Queria mesmo era um pau no cu! Quando você gritou, assustado com o tamanho do bruto, eu acordei, mas, mesmo assim, queria dar, então pensei: "se eu agüentar pelo menos a metade, já está bom", mas, é incrível, quanto mais entrava mais eu gostava. Se fosse maior, eu mandava enfiar tudo assim mesmo!

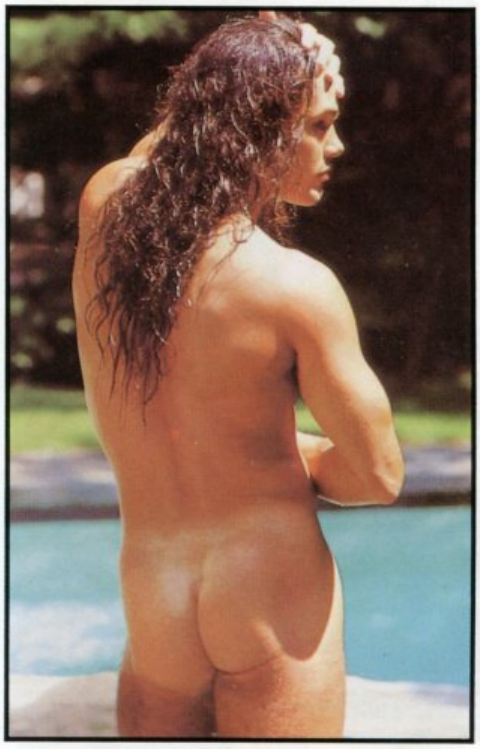
Para completar o serviço, Flávia pegou o meu pau e começou a chupar, até eu gozar novamente. Lembrava das cenas que de fantasia não tinham mais nada. Aconteceram mesmo. Eu era o corno manso mais feliz da terra.

Oswaldo, Caixa Postal 246, Ribeirão Pires, SP, CEP 09400-970.

OLHANDO

Naqueles dias de verão intenso, eu menino ainda, gostava de passar as férias na casa de meus avós. Era uma chácara próxima a cidade onde morava. No final da tarde ia até o riacho e ficava olhando e pôr do sol e os meninos tomando banho, saltando nus de uma pinguela, mergulhando e mostrando os corpos queimados, os sexos semieretos, e os olhares marotos.

Não os conhecia, e na minha timidez, voyeur da vida, mantinha distância.



O tempo passou e os meninos viraram rapazes. Eu com meus 14 anos continuava a ir vê-los jogar em um campo de pelada, próximo ao rio. Num domingo de sol insuportável eles corriam com seus shorts largos, e eu podia sentir pelo vento o cheiro de seus corpos suados. Ficava extasiado vendo cada movimento, olho fixo nas dobras de tecido que balançavam, e nos músculos brilhantes. Era uma hipnose, uma vontade de apenas ficar olhando.

Quando dei por mim, dois deles voltavam do rio, já molhados, e vinham em minha direção. Chegaram meio sem jeito, papo magro, sem assunto, até me convidarem para ir roubar goiaba no sítio vizinho. Concordei. Seus nomes eram André e João. No caminho em trilha pude perceber nossas diferenças: tinham quase a mesma idade, corpo, mãos enormes, morenos, queimados pelo sol. Quando passamos por um resto de mata nativa ouvimos um borburinho de água e resolvemos espiar. Chegamos em uma pequena clareira onde entre pedras brotava uma mina e um espelho d'água cristalina. Eles rapidamente tiraram seus calções e se jogaram na água.

Eu fiquei na minha sentado em uma pedra alta. Brincaram bastante, mas, de repente ficaram sérios, frente a frente se comendo com o olhar. Começaram a se acariciar, se beijando ternos. Pude ver seus paus crescerem ao se masturbarem, meus olhos brilhavam, com certeza, eu engolia em seco sem saber o que fazer. Começava a escurecer e resolvemos voltar.

Pelo caminho eles começaram a brincar comigo. Ora João esbarrava seu corpo, ora André passava a mão pelas minhas costas. Riam como quem sabe de outros segredos. Numa dose de malícia e sacanagem, coisa de quem sabe o que quer fazer. De repente João ficou mais ousado e passou o braço por sobre meu ombro, me forçando a andar colado ao seu corpo. André foi do outro lado e repetiu o mesmo gesto. Passavam a mão por sobre o calção e olhando em meus olhos desciam o olhar para que eu percebesse que se avolumava o sexo. Comecei a ficar meio sem jeito e tentei me desvencilhar, mas eles me bolinavam mais ainda, André me

abraçou por trás e pude sentir o que pretendia, João pela frente esfregava o corpo, beliscava meus mamilos com força me fazendo recuar, me faltava o ar e meus pés quase não tocavam o chão.

Deitamos por sobre a grama. André tirou a roupa e então pude ver seu pau grande, grosso e rosado. Ele ajoelhou-se e com as duas mãos dirigiu minha cabeça para sua pica, que mal consegui chupar. Seus pêlos brilhavam, e era lindo vê-los assim de tão perto, mas logo senti que nada era tão romântico. Eles estavam tão excitados que agiam rudes, respirações aceleradas, mãos agressivas que apertavam. João tirou seu calção rapidamente, colocou-me de bruços, passou um pouco de saliva no seu pau, colocou as mãos firmes por sob meus braços, mordeu minha nuca, empurrou com suas pernas as minhas, abriu caminho, e começou a forçar entrada, era minha primeira vez e tive medo, tentei me desvencilhar, mas a posição não permitia. Seu pau era grande e não entrava. André por sua vez subiu por sobre João e fingiu possuí-lo. Isso parece que fez com que ele ficasse mais tarado ainda, me agarrando com força. Senti quando a cabeça de seu cacete começou a entrar, e ele forçando mais e mais, me impediu, com sua mão enorme, de gritar. Quando cada centímetro me invadia, rasgando, ele falava palavras desconexas, forçando um vaivém alucinado, socando sem parar, até que percebi que ele gozou me inundando. Caiu de lado cansado. Levantei-me cambaleando. André me segurou pelo braço e começou a me acariciar lentamente.

Eu queria mais era fugir, me colocou de joelhos esfregando seu cacete por todo meu rosto, me fez lamber o seu saco, enquanto se masturbava, gozou jogando tudo em meu rosto, passando os dedos em meus lábios, mas ele não estava satisfeito, deitou sobre mim de frente, abriu minhas pernas, me beijou, e então pude sentir numa estocada seus vinte centímentros me invadindo. Acho que desmaiei, ele me segurava e me comia colocando tudo sem dó. Eu, apesar da dor, do medo, gostei tanto que muitas outras vezes fomos ouvir o borburinho das águas, naquele resto de mata nativa.

Hoje, sou uma pessoa tranqüila, séria, simples, não tenho neuroses, não sou afeminado, apenas sou um homem que gosta de fazer feliz outro homem que comigo esteja, sem promiscuidade, sem interesses, a não ser carinho. Não sou bonito, sou simpático, calvo, 39 anos, branco, 1,68m, 64kg. Fico sonhando com alguém honesto, dotado, ativo, e que saiba que a vida é para lutar, mas também é para ser vivida.

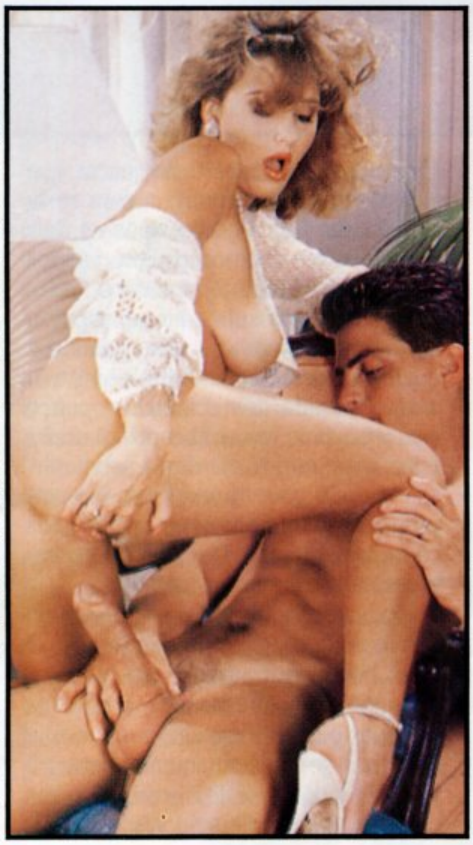
Marco, Caixa Postal 1.080, Londrina, PR, CEP 86010-350.

O MACHO DE MINHA MULHER

Depois do relato "X-Rated Movie", que enviei para publicação na Private há algum tempo, recebi tantas cartas que, até hoje, as continuo respondendo. (Aproveito para pedir desculpas àqueles que ainda não receberam resposta.) Dentre as poucas cartas cujas fantasias se tornaram realidade, uma foi particularmente excitante e, com certeza, irá deliciar muitos leitores e leitoras desta revista.

Acredito que existam, principalmente, dois tipos de homens que compram, lêem e escrevem para a Private: maridos que desejam submeter sua mulher a outrem; e aqueles que querem que a mulher dos outros seja a eles submetidas. Eu, particularmente, pertenço ao primeiro grupo, o dos maridos que enlouquecem de tesão e ciúme quando sua mulher se entrega a outro macho.

Há uns dois meses, abri minha caixa postal e encontrei, entre a vasta correspondência, um envelope pardo, grande e pesado, vindo de Foz do Iguaçu, que me pareceu uma carta comercial.



Esse fato me chamou a atenção, já que aluguei essa caixa exclusivamente para que me chegassem respostas aos relatos e anúncios publicados. Como sempre, fui para o escritório, em casa, matar a curiosidade sobre o conteúdo das cartas. O envelope pardo, obviamentre, foi o primeiro a ser aberto. Dentro, três páginas impressas em computador e mais um outro envelope, menor porém espesso, contendo várias fotos do remetente, em situações sexuais diversas.

Uma das fotos, muito parecida com a publicada pelo leitor "Batista", do Rio de Janeiro, mostrava seu pau duro, em pé, fazendo-me crer, pelo tamanho do monumental mastro, que se tratava da mesma pessoa. Outra mostrava o mesmo cacete, fotografado de cima, ao lado de uma garrafa de guaraná, fazendo supor que media uns 23 por cinco centímetros. A cabeça era volumosa, brilhante, e o corpo coberto de veias. As demais fotos mostravam o homem em ação, com duas mulheres, em posições diferentes, inclusive uma de penetração

anal, muito interessante como aquele enorme cacete. Finalmente, havia uma fotinho 3x4 revelando a fisionomia do remetente, muito boa por sinal.

Só então, depois de ver as fotos, passei a ler a carta. Dizia que era muito rico e convidava-nos para passar um final de semana em sua casa, em Foz, tudo por sua conta. Sua única exigência era a realização de uma fantasia, a qual já experimentara algumas vezes. Consistia no seguinte: por uns poucos dias, a mulher de alguém (casada), que ele selecionasse, seria exclusivamente dele, sua posse, devendo submeter-se totalmente, sem a interferência do marido, acompanhando-o inclusive em público. Exigia, ainda, que enviássemos o vídeo que mencionei no relato anterior ou fotos que mostrassem minha mulher.

Mostrei o material recebido para minha esposa, perguntando-lhe se toparia. Como sempre acontece entre nós, a resposta, positiva, exigiu alguns dias de trabalho de convencimento. Já bastante interessado, respondi explicando que era impossível enviar o vídeo, mas que poderia levar-lhe a fita pessoalmente. Anexei a xerox de uma bela foto, já disponível para esse fim, e despachei via Correio. Uma semana depois, numa segunda carta, nosso amigo dizia que não era necessário o vídeo, uma vez que a foto esclarecia o necessário, e, se estivéssemos de acordo com os seus termos, poderíamos marcar a data que ele providenciaria o resto, deixando claro que, durante nossa estada, minha mulher passaria a ser sua esposa e eu, um hóspede.

Seguimos para Foz no mês seguinte. Fomos recebidos, no aeroporto, por um homem negro e rústico, portando um cartaz onde se lia "Alexandre", conforme o combinado. Era o motorista, que, muito atenciosamente, apanhou nossa bagagem e conduziu-nos até uma picape Toyota, cabina dupla, novinha. Meia hora depois, chegávamos ao local onde morava nosso anfitrião, uma linda fazenda, cuja casa-sede era grande e luxuosa, com visíveis traços de um conforto bastante caro.

Fomos recepcionados, no hall, pela governanta, que nos fez aguardar enquanto anunciava ao patrão a nossa chegada. Logo veio a nossa presença aquele homem que já conhecíamos de fotos e cartas. Parecia um pouco mais velho, mas revelava ao vivo um porte elegante. Ambos muito excitados, percebi que minha mulher estava bastante nervosa. Quando nos sentamos, na sala, ele perguntou diretamente a cada um de nós se continuávamos dispostos aos termos. Respondemos que sim e ele, então, nos levou aos nosso quartos. Primeiro ela, ao quarto dele; depois eu, a um outro ao lado, de hóspede.

Ao descer para o almoço, pude ouvir, da porta entreaberta do quarto, que eles já conversavam e riam com certa intimidade. Em seguida, após os dois descerem, ele chamou os empregados — quatro ao todo, contando o motorista e a governanta — e apresentou minha mulher como a sua esposa naquele fim de semana; e eu, como um amigo. Aquilo nos deixou um pouco sem jeito, pela forma abrupta como foi feito, mas, enfim, ela devia submeter-se e eu não poderia interferir. Os empregados pareciam estar habituados com essa situação. Dava mesmo a impressão de estarem testando-nos.

Passamos a tarde na piscina, sendo servidos de tudo o que queríamos. O novo casal, confraternizando cada vez mais apaixonadamente perante os olhos de todos que ali estavam, beijava-se e abraçava-se indiscretamente, dentro e fora d'água, ria e fazia brincadeiras como se fossem dois adolescentes. E, depois da bebida que ingeríamos desde o almoço, dava para se notar os sinais de excitação nos corpos de ambos.

Ao cair da noite, jantamos e, depois, recolhemo-nos aos nossos aposentos. Após 15 minutos sozinho no quarto, não cabia mais em mim de ansiedade. Sem saber o que se passava, fui até a sacada do meu quarto, que era separada da do outro, para tomar ar fresco, pois o calor era demasiado e a angústia maior ainda. Pude, então, ouvir o barulho da água do chuveiro e, ao fundo, conversa entremeada de risos. Depois do banho, vinha da janela ao lado um grande silêncio, de uns 20 minutos, que lentamente começou a revelar os gemidos de ambos, que viraram respiração ofegante, que cresceu até um delicioso orgasmo. Pronto, estava consumado, minha mulher agora era dele. Estava lá, deitada, com a boceta molhada pela porra de outro, dormindo abraçada com ele, em nova lua-de-mel.

No segundo dia, o casalzinho estava namorando. À tarde, foram até a cidade e só voltaram à noite, para o jantar. Eu estava cada vem mais ansioso, sem saber os detalhes do que se passava. De volta para o quarto, na hora de dormir, estava deitado na rede da sacada imóvel, quando,através da folhagem que dava certa privacidade aos balcões, os vi saírem à sacada. Estavam sem roupa e ficaram abraçados encostados na amurada.

Começaram a beijar-se, ele com as mãos enfiadas no rego da bunda dela e ela esfregando o pau dele, segurando com a mão virada, o polegar apontando para baixo. Então, ele a fez ajoelhar-se à sua frente, pondo, em seguida, o imenso cacete na sua boca. Eu percebia perfeitamente o vulto daquele pau sendo mamado pela minha mulherzinha, que gemia com gosto, enquanto o amante mandava que chupasse sem parar. Bruscamente, ele a puxou e a pôs de pé, virando-a para que se apoiasse na mureta. Então, meteu-lhe por trás. Fodeu-a, assim, por uns dez minutos, com força suficiente para produzir estalos das coxas batendo. Durante e todo o tempo, perguntava coisas que nos enlouqueciam:

— Quem é o teu macho?

— É você!

— Quantos machos você tem?

— Só um!

— Você está gostando de ser a minha mulher?

— Estou!

— Quer continuar sendo minha amante e vir aqui me dar de vez em quando?

— Quero!

— Você está gostando desse cacete na boceta?

— Adorando!

— Quer ele na bunda?

— (?) ...mas é muito grande!

— Quer tomar o cacete do teu macho na bunda? — insistiu.

— Quero!

Nesse momento, ele urrou de tesão, tirou lentamente o pau da boceta e, fazendo-a virar-se, setenciou:

— Quero gozar na tua boca!

Então, minha mulher (minha?) abaixou-se, submissa, e, novamente de joelhos, chupou até que, numa certa altura, ele gemeu forte, tendo uns espasmos, e, mantendo o caralho naquela boquinha, exclamou:

— Isso, toma a porra!

Eu não acreditava que, em dois dias, eles estivessem tão próximos. Não podia mais agüentar de ciúme, e ainda tinha mais um dia e uma noite pela frente, antes que eu pudesse falar com ela. Enfim, o dia seguinte transcorreu normalmente, apesar de parecer, para mim, que o tempo tinha-se congelado. Na outra manhã, finalmente, fomos levados ao aeroporto pelo próprio anfitrião. Despedimo-nos, e ele deu um longo beijo na minha mulher (pelo menos, agora, voltava a ser!). Fiquei até preocupado de que pudéssemos encontrar algum conhecido. Logo ao decolarmos, beijamo-nos, mas agüentamos até Curitiba para as revelações tão esperadas.

Apenas para ilustrar as duas revelações mais interessantes, dentre todas as que vêm enriquecendo nossas fodas desde então, citarei: primeira, ele realmente comeu o cu da minha esposa uma vez, sendo que ela disse que nisso era um mestre, conseguindo meter todo aquele instrumento com paciência, preservativo e muito lubrificante, sem causar trauma; segunda, depois de perguntar se ela se submeteria totalmente a ele e ouvir como resposta que achava que isso estivesse claro, ordenou que viesse sozinha da próxima vez, concluindo que queria vê-la chupar o caralho do seu motorista, o negro que nos apanhara no aeroporto. Podem imaginar, o amante fantasiando com um outro amante?! Provavelmente, minha mulher irá encontrá-lo em breve, o que já confessou desejar muito.

Enquanto o novo encontro entre eles não acontece, se alguém, com características semelhantes — principalmente um cacete enorme, local adequado e muita responsabilidade e discrição —, quiser experimentar algo assim, escreva. Também rapazes bem jovens, mulheres ou casais que nos queiram conhecer.

Alexandre, Caixa Postal 18.081, Curitiba, PR, CEP 80811-970.

GALVÃO

EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

Diretor e Editor Responsável:
Pedro Galvão Moreira.
Diretor de Redação e Produção:
Moacir Machado.
Diretora de Arte:
Sílvia Ribas.
Arte Final:
Fábio Rodrigues Moreira.
Redatora:
Ivonete M. Nascimento.
Revisor:
Roberto Zoccola.
Fotografias:
Real Press International.
Editoração Eletrônica:
Studio Private.
Fotolitos:
Yanguer.
Distribuição exclusiva para todo o País:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907 - Fone: 577-6655
Rio de Janeiro, RJ.

Private é uma publicação mensal da Galvão Editora e Distribuidora Ltda. Redação, administração, publicidade e correspondência: Rua Guilherme Maw, 113, Luz, São Paulo, SP, CEP 01105-040, Fax 229-1679, Telefones 229-0367 e 229-8915. Registro nº 4.014, de 21/01/85, no 5º Cartório de Títulos e Documentos, de acordo com a Lei de Imprensa. Os textos e fotos enviados pelos leitores são de sua inteira responsabilidade.